

Graças à
idéia brilhante
de um homem de
de negócios, estas
mulheres estão fazendo
muito com muito pouco

POR SARA WHEELER

NA AREIA do Lago Malavi, Catherine Mbalaka olha fixamente para o horizonte. Ela observa seus dois barcos a remo, que trazem redes lançadas no dia anterior. Magra, cabelo curto e energia contagiante, Catherine, 41 anos, sorri. Após décadas de miséria, seu pequeno negócio pesqueiro vai bem. Ela começou com um barco e duas redes. Um ano depois, conseguiu comprar outro barco. Agora pretende adquirir um a motor, para que seus empregados possam trabalhar em águas mais profundas, onde há cardumes em maior abundância.

“Minha vida se transformou”, diz Catherine enquanto os peixes do último arrasto se debatiam na areia. Ela cria os seis filhos, três órfãos soropositivos que adotou e um neto, e, como o marido não tem fonte de renda, a família tira dos barcos o seu sustento. Catherine conseguiu isso com o empréstimo de uma instituição de caridade inglesa que ajuda os pobres. A Micro-Loan Foundation (MLF) dá trabalho, não esmola.

O pequeno milagre que está acontecendo em Malavi é resultado da visão de um homem de negócios de 54 anos, nascido em Devon, na Inglaterra, chamado Peter Ryan. Esguio, cabelos negros e risada sonora, Ryan parece um típico turista inglês, de sandálias, meias e espalhafatosa camisa estampada.

“Dar dinheiro não é o ideal”, explica Ryan ao deixarmos Lilongüe, a capital, para visitar algumas cidades onde opera a MLF. “Nós emprestamos pequenas quantias – de 36 a 260 dólares – e oferecemos treinamento, plano financeiro cuidadosamente administrado e apoio contínuo. Elas abrem o negócio em ramos diversos e acabam tendo uma renda estável.”

M

ALAVI É UM dos países mais pobres do mundo. Segundo estatísticas do Banco Mundial, 28% dos 12 milhões de malavianos vivem com menos de um dólar por dia. Ao contrário de muitos de seus vizinhos, o país quase não possui minérios. As chuvas esporádicas, o clima instável e o desmatamento impedem o êxito das safras. Não há indústria visível, nem qualquer infra-estrutura econômica, e o turismo é fraco.

Sempre ponderado, Ryan é movido pela convicção de que é possível dar condições de independência até aos mais miseráveis. Ele começou a fundação em 1998, à moda clássica, num quarto vago de casa, inicialmente para

manter um programa de empréstimo aos pobres nas Filipinas. Buscando local para um novo projeto, foi a Malavi em 2001. “Era o lugar ideal para começar o modelo autônomo de ajuda que eu tinha em mente.”

Ele contratou um funcionário, Kenson Chiphaka, hoje diretor da fundação no país e que, na época, era um professor de 37 anos. A MLF concedeu seu primeiro empréstimo, de 30 dólares, a uma associação de mulheres que vendia açúcar e tomates. O dinheiro foi todo devolvido.

Ryan faz parte do grupo, cada vez mais numeroso, de pessoas que acreditam no microcrédito, hoje talvez a tendência mais significativa no setor. O microcrédito foi criado por Muhammad Yunus, carismático bengalês fundador do Banco Grameen, que ganhou o Prêmio Nobel da Paz em 2006.

Para desenvolver a responsabilidade coletiva, a MLF empresta a pequenos grupos, não a indivíduos. O empréstimo é dividido igualmente, e cada integrante é responsável pela restituição da sua parte. “É como uma solidariedade jurídica”, explica Martha Nkhoma, que lida com as operações de crédito.

Pergunto a Ryan por que ele concede empréstimos apenas a mulheres. “Consultei os diretores de crédito para saber se deveríamos começar a incluir homens”, responde ele. “Mas o consenso é que não devemos, porque as famílias são muito mais beneficiadas quando é a mulher quem recebe o empréstimo. O homem é mais propenso a gastar o dinheiro ou usá-lo para ir à África do Sul, em busca de trabalho.”



Catherine Mbalaka e sua família. Seu negócio de pesca transformou a vida de todos. Peter Ryan (no detalhe), a inspiração por trás da fundação.

A instituição hoje emprega 35 pessoas do país em seis escritórios regionais. Embora a MLF dependa de doadores do Reino Unido para se expandir, o sistema de empréstimos gera renda e portanto é capaz de se manter. Ryan pretende criar mais quatro escritórios no ano que vem. Os patrocinadores incluem Sir Bob Geldof, e as operações no Reino Unido são geridas apenas por um presidente há pouco tempo recrutado, um funcionário encarregado de arrecadar recursos e um grupo de voluntários. O próprio Ryan não recebe salário.

Vou a uma reunião da MicroLoan na cidade de Sasani e vejo o funcionário instruindo 12 mulheres do grupo Sitigonja (que significa “não vamos desistir” em *chichewa*, língua local). Sentamo-nos em esteiras de palha à sombra de uma árvore, a conversa pontuada

pelo barulho permanente dos grãos de milho sendo socados no pilão. Como todas as cidades que visitei, Sasani não dispõe de saneamento básico nem de água corrente. O hospital mais próximo fica a quatro horas de distância, a pé. Todos têm malária pelo menos uma vez por ano. Quando pergunto às mulheres quantas ali cuidam de órfãos soropositivos, além dos próprios filhos, oito delas levantam a mão.

Converso com a líder do grupo, Loveness Banda, 24 anos, que é casada e tem três filhos. Vou à sua casa de chá, financiada pela MLF, uma sala de tijolos onde Loveness serve chá, arroz e pãezinhos. “Um dia da semana é destinado às compras”, explica ela quando lhe pergunto sobre a rotina do negócio. “É uma caminhada de quatro horas

para pegar o microônibus até o mercado, onde compro o material.”

Depois de apenas quatro meses no negócio, ela já tem uma barraca que vende quiabo e feijão, além da casa de chá, e pretende fazer futuros empréstimos. Loveness exala espírito empreendedor. “Tudo o que eu tinha antes de descobrir a MLF por intermédio de uma amiga”, diz, ao nos despedirmos, “era uma plantaçoazinha de mandioca.”

OS EMPRÉSTIMOS são feitos em ciclos de quatro meses. Quando um ciclo termina, o dinheiro é reencaminhado para novos empréstimos, e o grupo recebe uma quantia maior, permitindo assim que o negócio cresça. A taxa de juros é de 24% no primeiro ciclo e 20% daí em diante (o custo para oferecer pequenos empréstimos é alto). E funciona: a MLF tem índice de reembolsos de mais de 95%, estatística que deixaria bastante animados os próprios bancos britânicos. Loveness está terminando seu primeiro ciclo.

Os críticos do microcrédito alegam que ele continua sendo uma medida paliativa que não traz as reformas sistêmicas essenciais à diminuição da pobreza. Mas quantos milhões de dólares já foram jogados em vão no buraco negro da assistência humanitária?

No norte de Malavi, viajo por uma “estrada” criada a um custo enorme, com dinheiro doado. Ela foi tão mal construída que as primeiras chuvas a destruíram. A África subsaariana é um cemitério de projetos fracassados, a paisagem está repleta de esqueletos de fábricas, escolas e hospitais financiados com as boas intenções de agências humanitárias, e, por uma série de motivos – entre eles, a corrupção –, jamais terminados. As operações da MLF, por sua vez, são transparentes e administradas com rigor.

Quando as mulheres completam o ciclo de empréstimo, a fundação as incentiva à fase seguinte: pegar um empréstimo no banco. No meu último dia, conheço Thandiwe Gama, 37 anos, que pagou o empréstimo de 370 dólares e está aprendendo sobre o que a espera no ambiente intimidante de um banco. Ela e o marido têm seis filhos e cuidam de três órfãos. “Durante muitos anos, foi difícil”, diz. “Mas agora acho que posso crescer aos poucos.”

No fim de 2006, a fundação já havia oferecido 10 mil empréstimos. A longo prazo, sua idéia é abrir filiais da Micro-Loan em outros países subsaarianos e expandir um negócio de exportação de produtos de Malavi para o Reino Unido. “Já somos quase autônomos”, diz ele, ao entrarmos no avião que nos levará para a Inglaterra. “É uma longa jornada.” Boa viagem!

CLIQUE DUAS VEZES

Você está viciado em computador quando uma mosca pousa na tela e você tenta matá-la com a seta do *mouse*.

DANIELA JOÃO, São Paulo (SP)